

Fabricantes de pios

No mês passado, neste mesmo lugar, contando umas histórias de caçadores, dissemos que outrora os pios de arremedar aves do mato eram muito estimados e seus fabricantes se tornavam conhecidos e citados em toda a Província. A propósito, citamos os pios de Nhô Veca e de Nhô Juca, ambos de Jundiá, colegas e amigos. Nhô Veca era sopleiro e os seus pios eram feitos de taquara. Nhô Juca, porém, era dentista; seus pios eram modelados em vulcanite e polidos no motor, como ele fazia com as dentaduras cor de rosa de seus clientes. Tanto Nhô Veca como Nhô Juca se tornaram famosos entre os caçadores do seu tempo.

Mas não eram os únicos fabricantes desses aparelhos de sopro com os quais os devotos de Santo Hugberto atraíam as aves arredias, até vê-las no alcance das suas espingardas de fogo central. Em Piracicaba, por exemplo, essa indústria teve dias de glória. Há mais de trinta anos, na rua do Rosario, já nas proximidades da atual Voluntários de Piracicaba, havia um largo portão ornamentado com fleiras de plos de taquara mas tão bem feitos e polidos que pareciam de outra matéria prima. Muitos transeuntes estacavam diante dessa exposição e depois de alguns comentários segulam seu caminho. Os interessados, no entanto, transpunham o portão e se dirigiam aos fundos. Lá viviam três pessoas muito estimadas: Nhô Candinho, Nhô Turibia e a pequena Milrandolina.

Nhô Candinho era o feliz fabricante de aqueles famosos pios que, em compridas fileiras, estavam expostos no portão. Cadeão mais gordo do que magro, bem nutrido, de roupas de brim, a barriga quase a transbordar por cima do cinto, o bigode ralo a cair pelos cantos da boca, vinha receber o freguês na porta da oficina. Depois dos cumprimentos, descia os olhos para a ponta do nariz e examinava o recém-chegado, por cima das lentes. Tinha olho mágico; nesse ligeiro golpe de vista ele tirava uma folha corrida do freguês. Sabia de onde era, de onde vinha, o que fazia, a que família pertencia, que caça era a da sua predileção, que arma usava e quanto trazia amarrado na ponta do lenço para adquirir um daqueles pios...

Depois dessas operações preliminares, o comprador entrava na pequena oficina de Nhô Candinho. All havia uma especie de balcão que só servia para lembrar ao freguês que ele estava numa casa de negocio. Então repetia-se uma velha cena. O dono da casa ia buscar lá no fundo a peneira dentro da qual se viam os pequenos tubos de taquara, colocava-a sobre o balcão e punha-se a demonstrar a sua superioridade. Ele de um lado, o freguês do outro lado do balcão. Pegava num pio, levava-o á boca, voltava a espiar por cima dos olhos e, assim, ia tirando sons compridos, macios, bem modulados. De repente, lá longe, ouvia-se a resposta de uma ave a esses reiterations apelos... O comprador sentia-se maravilhado, pois aqueles pios eram tão bons, tão bons, que produziam efello até mesmo na cidade, pertinho da Camara. No entanto, em Piracicaba, ha quarenta anos, dizia-se á boca pequena que Nhô Candinho escondia no quintal um viveiro de nhambus, urus, macucos e jaós ensinados, tecnicos em publicidade.

Um dia Nhô Candiho escutou um plo diferente e acompanhou-o para não se sabe onde; era o plo da Morte. Nhá Turibia, viúva, tomou conta do negocio. Era uma cabocla magra, seca, de olhinhos vivos; nunca ninguém a via sorrir. E louca para trabalhar. Não se contentou com vender aqueles famosos plos que ela aprendera a fabricar no tempo do marido. Dedicava-se tambem a outros serviços. Consertava maquinas de costura. Entendia como ninguém de Singers e Saxonias. Falava correntemente de sapatas, lançadeiras e outras peças cujos nomes nem mesmo os letrados sabiam. Mas a sua especialidade eram as varas para pescaria. Sabia onde ir buscar os bambus e a lua conveniente para corta-los, a fim de que não bichassem com o tempo.

E a oficina ficou cheia de varinhas compridas e finas, algumas já com o fio curtido, a chumbada entalhada e o anzol encastado. Quando chegava o freguês, ela mandava-o escolher, à vontade.

— Me dêxe vê esta, Nhá Turibla...

Ela tirava a vara indicada e se punha a brandi-la, para demonstrar a maleabilidade, a resistencia. Depois, como o freguês hesitasse, ela entrava de zurrir o espaço — left left left — numa ultima prova de que era só atirar a linha num remanso do salto e retirar plabas, mandis e outros peixes menos acessíveis, dos que não vão com a cara de qualquer pescador. E se depois desse trabalho o freguês recalcitrante ainda hesitava em comprar a vara, ela lançava mão do ultimo argumento:

— Leve em confiança. Mecê mesmo pode temperá a vara, num fo-
guinho que não seja muito forte...

Então, diante de tal prova de confiança, o freguês, sensibilizado, entregava os pontos, isto é, pagava os quatro níqueis do ajuste e levava consigo a vara. Nesse dia e nos subsequentes quem estava no Militeiro via mais um sujeito sentado numa pedra, com a vara na mão, à espera da tocha de algum curibatá lombrosiano, disposto a suicidar-se no seu anzol...